

LEMBRA-SE DE MIM?

Arnold Fine

Num um dia gelado, quando voltava para casa, tropecei em uma carteira que alguém perdera na rua. Apanhei-a e procurei por alguma identificação, a fim de descobrir o dono. Contudo, a carteira continha apenas três dólares e uma carta amassada, que parecia estar ali havia anos.

O envelope estava gasto, e só o endereço do remetente era legível. Abri a carta, esperando encontrar alguma pista. A seguir, vi a data: 1924. A carta fora escrita havia quase sessenta anos.

A letra era feminina e bonita. O papel era azul-pálido, com uma pequena flor no canto esquerdo. Era uma carta simples, explicando ao destinatário, cujo nome parecia ser Michael, que a autora não podia mais vê-lo porque a mãe proibira. Mesmo assim, ela escreveu que o amaria para sempre.

Quem assinava era Hannah.

O conteúdo da carta era lindo, mas não havia meios para identificar o proprietário, exceto pelo nome Michael. Quem sabe se eu telefonasse para a seção de informações, a telefonista poderia encontrar o endereço do envelope na lista?

– Telefonista – disse eu –, tenho um pedido um tanto estranho a fazer. Estou procurando o dono de uma carteira que encontrei. Existe algum meio de fornecer-me o número do telefone do endereço que estava em um envelope, na carteira?

Ela sugeriu que falasse com sua supervisora, a qual após hesitar um momento, disse:

– Consta que há um número de telefone nesse endereço, mas não posso fornecê-lo.

A seguir, afirmou que, como cortesia, chamaria o número, explicaria minha história e perguntaria se permitiriam que ela fornecesse o telefone para mim. Esperei alguns minutos, e depois ela voltou à linha: – Tem uma pessoa que quer falar-lhe.

Perguntei à mulher, do outro lado da linha, se conhecia alguém com o nome de Hannah. Ela respondeu ofegante:

– Oh! Compramos essa casa de uma família, cuja filha chamava-se Hannah. Mas isso foi há trinta anos!

– Pode dar-me o endereço atual deles? – perguntei.

– Lembro-me de que Hannah teve de colocar a mãe em uma casa de repouso há alguns anos – disse a mulher. – Talvez, se entrar em contato com os responsáveis por esse local, eles poderiam localizar a filha.

Ela deu-me o nome da casa de repouso, e telefonei para eles. Contaram-me que a senhora morrera há alguns anos, mas tinham um número de telefone, que poderia ser do local em que a filha estava morando.

Agradei, desliguei e telefonei para o número fornecido. A mulher que atendeu, explicou-me que era Hannah quem estava agora vivendo em uma casa de repouso.

Que coisa mais sem pé nem cabeça, pensei comigo mesmo. Por que estava me esforçando tanto para encontrar o dono de uma carteira com apenas três dólares e uma carta de quase sessenta anos atrás?

Não obstante, liguei para a casa de repouso, e o homem que atendeu disse:

– É verdade, Hannah mora aqui. Embora já fossem dez horas da noite, perguntei se poderia ir vê-la.

– Olhe – disse ele, com certa hesitação –, se quiser arriscar, ela talvez esteja na sala assistindo televisão.

Agradei e fui de carro até à casa de repouso.

A enfermeira da noite e um guarda cumprimentaram-me à porta. Fomos até o terceiro andar do prédio, e a enfermeira apresentou-me a Hannah, que estava na sala.

Ela era uma senhora doce, de cabelos prateados, com um sorriso cordial e um brilho especial nos olhos. Contei-lhe sobre a carteira e mostrei-lhe a carta. No momento em que viu o envelope azul-pálido com a pequena flor no canto esquerdo, respirou fundo e disse:

– Jovem, esta carta foi o último contato que tive com Michael.

Hannah desviou os olhos por um momento e, depois, falou com voz suave:

– Eu o amava muito, mas tinha apenas dezesseis anos, e minha mãe achava que eu era muito criança. Ele era tão bonito. Parecia-se com o ator Sean Connery.

E continuou:

- Michael Goldstein era uma pessoa maravilhosa. Se o encontrar, diga-lhe que penso sempre nele.

Hesitou por um momento e, quase mordendo os lábios, disse:

- Diga-lhe que ainda o amo. Sabe -, disse ela sorrindo enquanto seus olhos começaram a marejar. - Nunca casei-me, acho que ninguém jamais pôde comparar-se ao Michael...

Agradei a Hannah e despedi-me. Tomei o elevador para o primeiro andar e, quando cheguei à porta, o guarda perguntou:

- A velha senhora o ajudou?

Contei a ele que Hannah dera uma pista:

- Pelo menos, tenho um nome, mas acho que deixarei isso de lado por algum tempo. Passei quase o dia inteiro tentando encontrar o dono desta carteira.

Eu estava com a carteira na mão, que era de couro simples, enfeitado com um cordão vermelho na lateral. Quando o guarda a viu, exclamou:

- Espere um pouco! É a carteira do sr. Goldstein. Eu a conheceria em qualquer lugar devido ao cordão vermelho brilhante. Ele sempre perde a carteira. Devo tê-la encontrado no vestibulo, pelo menos, três vezes.

- Quem é o sr. Goldstein? - perguntei, enquanto minha mão começava a tremer.

- É um dos veteranos do oitavo andar. Tenho certeza de que é a carteira de Mike Goldstein. Deve tê-la perdido em um de seus passeios.

Agradei ao guarda e retornei, o mais depressa possível, ao escritório da enfermeira. Contei-lhe o que o guarda havia dito. Fomos juntos até o elevador. Orei para que o sr. Goldstein estivesse acordado. No oitavo andar, a enfermeira encarregada disse:

– Penso que ele ainda está na sala de lazer. Gosta de ler à noite. É um homem muito querido.

Fomos até o único aposento com as luzes acesas e, ali, havia um homem lendo um livro. A enfermeira foi até ele e perguntou se perdera a carteira. O sr. Goldstein, surpreso, levantou os olhos, colocou a mão no bolso de trás e disse:

– Oh! Não está aqui!

– Este senhor bondoso encontrou urna carteira e ficamos imaginando se poderia ser a sua.

Entreguei a carteira ao sr. Goldstein e, no momento, em que a viu, deu um sorriso de alívio e disse:

– É ela! Devo tê-la deixado cair do bolso esta tarde. Preciso recompensá-lo.

– Não, obrigado. – repliquei. – Mas quero contar-lhe algo. Li a carta, com esperança de descobrir quem era o dono da carteira.

O sorriso no rosto dele desapareceu de súbito:

– Você leu a carta?

– Não só a li, mas sei onde Hannah está.

Ele ficou pálido:

– Hannah? Sabe onde ela está? Por favor, diga-me – suplicou.

– Ela está ótima... tão bonita como quando a conheceu – respondi baixinho.

O homem idoso sorriu em antecipação e perguntou:

– Pode dizer-me onde ela está? Quero telefonar-lhe amanhã. Agarrando minha mão, disse:

– Sabe de uma coisa? Eu amava tanto aquela garota, que minha vida literalmente terminou quando recebi esta carta. Nunca me casei. Acho que sempre a amarei.

– Sr. Goldstein, – disse eu. – venha comigo.

Tomamos o elevador para o terceiro andar. Os corredores estavam escuros e só uma ou duas lâmpadas iluminavam o caminho para a sala na qual Hannah encontrava-se sozinha diante da televisão. A enfermeira foi até ela:

– Hannah, – disse com suavidade, apontando para Michael que esperava comigo à porta. – Você conhece este homem?

Ela ajustou os óculos, fitou-o por um momento, mas não disse palavra. Michael falou em voz baixa, quase em um sussurro:

– Hannah, sou eu, Michael. Lembra-se de mim?

- Michael, não acredito! Michael! É você? O meu Michael! – suspirou ela.

Ele aproximou-se dela lentamente, e os dois abraçaram-se. A enfermeira e eu nos afastamos com lágrimas correndo pelo rosto.

– Veja! – disse eu. – Veja como o bom Senhor trabalha. Quando as coisas têm de acontecer, acontecem.

Cerca de três semanas mais tarde recebi um chamado da casa de repouso:

– Pode comparecer domingo a um casamento? Michael e Hannah vão casar-se!

Foi um lindo casamento, ao qual todos os moradores da casa de repouso, em trajes de gala, compareceram. Hannah usava um leve vestido bege, e sua beleza encantava a todos. O terno de Michael era azul escuro, e ele parecia radiante. O casal convidou-me para padrinho.

A instituição deu-lhes um quarto particular, e se você já desejou ver uma noiva de setenta seis anos e um noivo de setenta e nove agir como adolescentes, teria de ver esses dois. Um final perfeito para um caso de amor que durou quase sessenta anos.